

Alexandre Werneck
Letícia Ferreira

[ORG.]



QUESTÕES DE MORAL, MORAL EM QUESTÃO

estudos de sociologia
e antropologia
das moralidades



 **mórula**
EDITORIAL

 **FAPERJ**

As leitoras e leitores que tomarem em mãos este livro com o intuito de descobrir *o que é* a moral provavelmente terão suas expectativas frustradas. O mesmo ocorrerá se a intenção for encontrar uma visão sistemática da última teoria moral do momento. Ao colocar a moral *em questão*, os organizadores do evento que deu origem a este livro escolheram o caminho — arriscado, mas muito mais interessante — da abertura, das perguntas, da pluralidade.

Os textos aqui reunidos testemunham a diversidade da trajetória de suas autoras e autores. Nos vários temas abordados temos oportunidade de perceber algo que há tempos a sociologia e a antropologia da moral têm se esforçado em mostrar: a moral está por toda parte.

Nos artigos que compõem as partes 1 e 2 encontramos discussões teóricas de pesquisadores e pesquisadoras que vêm protagonizando o debate intelectual sobre os contornos da moral como tema privilegiado nas ciências sociais. Sempre ancorados em investigações e reflexões sobre a realidade social, alguns textos apresentam discussões de ordem epistemológica, ontológica e até mesmo ética, enquanto outros mostram como, tomando a moral como ponto de partida, é possível adentrar de forma original temas consolidados da teoria social.

Nas partes subsequentes, os textos permitem vislumbrar o potencial da sociologia e da antropologia da moral para compreender numerosos aspectos da realidade social,

Alexandre Werneck

Letícia Ferreira

[ORG.]

QUESTÕES DE MORAL, MORAL EM QUESTÃO

estudos de sociologia
e antropologia
das moralidades



mórula
EDITORIAL



FAPERJ

Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

CONSELHO EDITORIAL

Ana Lole, Eduardo Granja Coutinho, José Paulo Netto,
Lia Rocha, Mauro Iasi, Márcia Leite e Virginia Fontes

REVISÃO

Milene Couto (português)
André Lima (espanhol)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Elaborado por Gabriela Faray Lopes — CRB 7/6643

Q54

Questões de moral, moral em questão: estudos de
sociologia e antropologia das moralidades / organização
Alexandre Werneck, Letícia Ferreira. – 1. ed. – Rio de
Janeiro: Mórula, 2023.

496 p. ; 21cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81315-56-6

1. Sociologia – Aspectos morais. 2. Antropologia
– Aspectos morais. 3. Ética. I. Werneck, Alexandre. II.
Ferreira, Letícia.

23-83018

CDD: 301

CDU: 316



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904

20021_360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ

www.morula.com.br _ contato@morula.com.br

/morulaeditorial /morula_editorial

SUMÁRIO

7 **INTRODUÇÃO**

A moral, uma questão de valor

ALEXANDRE WERNECK • LETÍCIA FERREIRA

19 PARTE 1 | **DISCUSSÕES**

21 Desembaraçando a complexidade moral
em sociedades rapidamente cambiantes:
discursos e ações

MONICA HEINTZ

48 Os passivos da humanidade comum

LAURENT THÉVENOT

109 PARTE 2 | **A MORAL NA TEORIA SOCIAL**

111 Direitos ético-morais e a administração de conflitos

LUÍS R. CARDOSO DE OLIVEIRA

139 Qual é a moral da sociologia moral? Teoria da Ação,
Ética da Virtude e Moralidade Moderna

FRÉDÉRIC VANDENBERGHE

167 O “lugar comum” da cisma: notas antropológicas
sobre o advento de uma Cismocracia na era Bolsonaro

FÁBIO REIS MOTA • GABRIEL BAYARRI TOSCANO

195 PARTE 3 | **MORAL E POLÍTICA**

197 Uma sociologia pragmática da moral da política: crítica, “bem de todos”/“bem comum” e “comparcimento”

ALEXANDRE WERNECK

222 Sobre petralhas, bolsominions e isentões: a dimensão moral de conflitos políticos

MARIA CLAUDIA COELHO

246 População de rua, a pandemia da Covid-19 e as políticas da vida e da morte

PATRICE SCHUCH • CALVIN DA CAS FURTADO

DANIELA BIANCHI • CAROLINE SILVEIRA SARMENTO

269 PARTE 4 | **O MORAL E O INSTITUCIONAL**

271 De direitos, vítimas e humanos: moralidades e categorias em disputa em torno da “violência de Estado”

LUCÍA EILBAUM

299 Detalhes infernais: intensas e minúsculas poéticas de indignação

ADRIANA VIANNA

329 Além da fiscalização: lógicas de auditoria e combate à corrupção na economia moral do Estado

SIMONE MAGALHÃES BRITO

356 Crise ou reparação: narrativas político-morais em torno da pensão indenizatória para crianças com Síndrome Congênita do Vírus Zika no Brasil

LETÍCIA FERREIRA

387 PARTE 5 | **PROBLEMAS PÚBLICOS E SOFRIMENTO**

389 Territorios moralizados frente a las muertes violentas: conmemoraciones, desplazamientos y disputas (Córdoba, Argentina)

NATALIA BERMÚDEZ

412 Sentimentos morais: o papel das emoções nas formas de mobilização coletiva e constituição de *problemas públicos*

NEIVA VIEIRA DA CUNHA

438 La hoguera de las responsabilidades: imputaciones morales y tensiones sociales en dos localidades de la provincia de Buenos Aires (Argentina) durante la pandemia de COVID-19

GABRIEL D. NOEL

468 As hierarquias da desgraça: a produção social de vítimas e os dilemas morais em torno do merecimento

VIRGINIA VECCHIOLI

491 **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

INTRODUÇÃO

A moral, uma questão de valor

ALEXANDRE WERNECK • LETÍCIA FERREIRA

Os textos reunidos neste volume representam uma parcela consistente do atual esforço de pesquisadores do Brasil e de outros países para consolidar os estudos sobre a moral e as moralidades nas ciências sociais como uma área autônoma e analiticamente sustentada. Muito embora essa temática tenha sempre estado no horizonte da sociologia e da antropologia desde sua fundação, a última década experimentou um interesse renovado por essa discussão, no horizonte de novas ferramentas e modelos teóricos (inclusive o diálogo com a neurociência e novas psicologias, além de com a semiótica) e novos problemas empíricos, e atualmente esse interesse vem cada vez mais se consolidando mundialmente como uma área temática em si. Várias das sociologias e antropologias, como as do conflito e da violência, das desigualdades e das construções e representações identitárias, consideradas outrora áreas isoladas, passaram em muitos casos a ser tratadas por vários pesquisadores como elementos de uma abordagem mais geral sobre as moralidades. E mesmo temas clássicos fundamentais, como a dicotomia agente x estrutura ou conflito x consenso, passam a ser revistos nessa chave.

E essa atenção é dada tanto na sociologia e na antropologia (que cada vez mais relativizam objetos vistos como naturalizadamente negativos, como ocorre, por exemplo, no horizonte de correntes ditas “críticas”) quanto na sociedade de maneira geral, sobretudo por meio do interesse midiático e por esses temas não apenas ocuparem as atenções de debates

de políticas públicas (como em estudos ligados à questão da “segurança pública”, da “igualdade” ou da “universalização de direitos”) como também desempenharem papel central nas diferentes cruzadas que têm caracterizado a atual conjuntura política nacional. Desse modo, eis aqui um retrato de abordagens suficientemente abertas para apreender diversas visões e orientações para a ação, sem renunciar ao esforço em compreender seus sentidos e justificativas ou seus esforços de legitimação. Os textos deste livro, então, resultam de um convite, especialmente a sociólogos e antropólogos, para um passo no grau de abstração por meio de uma abordagem compreensiva. Em suma, tratou-se de reunir trabalhos que se provocassem a problematizar a moral, a colocá-la *em questão*, isto é, *como questão*.

Notadamente, o surgimento de uma “nova sociologia da moralidade” no mundo anglo-saxônico, de uma “sociologia da crítica” e de uma abordagem “antiutilitarista” a partir da dádiva na França, das discussões sobre reconhecimento implementadas pelas novas gerações da teoria crítica, de uma “antropologia das questões humanitárias” e da chamada “virada ética” no campo da antropologia, além de uma nova historiografia dos direitos humanos e do retorno do tema clássico dos problemas públicos, vêm movimentando as ciências sociais com novas abordagens para esse tema.

No Brasil, o tema igualmente trilha um movimento pendular entre ser tratado como componente de outras temáticas e ser visto como operador fundamental da análise nas ciências sociais. Nesse sentido, na teoria antropológica, os trabalhos, primeiramente, de Roberto Cardoso de Oliveira e, depois, de Luís Roberto Cardoso de Oliveira são referência fundamental, no que diz respeito a sua fecundidade tanto na antropologia da política quanto na antropologia do direito e das demandas por direitos, assim como as abordagens sociológicas sobre o crime e a violência inspiradas na rotulação e que passaram a se dedicar a como os atores sociais são construídos e estigmatizados socialmente, em especial como sujeitos criminais. Uma revisão bibliográfica ampla dos empreendimentos para a construção de uma área de estudos compreensiva da moral não caberia aqui, mas a publicação transacional de *The Anthropology of Moralities* (2009), organizado por Monica Heintz, uma das autoras deste livro; do

Handbook of the Sociology of Morality (2010), nos EUA, compilado por Steven Hitlin e Stephen Vaisey — que em breve ganha seu segundo volume —, e, no Brasil, de *Pensando bem: Estudos de sociologia e antropologia da moral* (2014), com organização de Cardoso de Oliveira e Werneck (2014), além dos dossiês publicados nas prestigiosas *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (2013), *Sociologias* (2015) e em *Política e Trabalho* (2021), são todos diagnósticos da potencialidade realizada na área.

Em todos esses casos, fica explicitada e sublinhada a percepção da centralidade da moral não mais como tema acessório, mas como questão central, em trabalhos de uma multiplicidade empírica gigantesca. Desse modo, temos proposto uma antropologia e uma sociologia da moral e das moralidades compreensivas e de forma isolada de movimentos de uma disciplina moral. Da mesma forma, também gostaríamos de evitar abordagens meramente descritivas, conformadas por um relativismo acrítico, que privilegiem a perspectiva do observador externo, e que não se engajem no esforço de compreensão das prestações de conta dos atores, que operam para conferir sentido a suas práticas e sustentação a suas pretensões de legitimidade e efetividade, seja a partir de uma abordagem notadamente sociológica, seja de uma leitura antropológica, seja em uma inflexão analítica mista das duas disciplinas.

Esse movimento no Brasil, em sua versão atual, remonta à criação do grupo Sociologia e Antropologia da Moral, em 2010, inicialmente nos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Criado originalmente por Alexandre Werneck e Luís Roberto Cardoso de Oliveira, e desde então ativo no encontro (seja como Seminário Temático, Grupo de Trabalho, Simpósio de Pesquisa Pós-Graduada e/ou Mesa Redonda) e fora dele (especialmente em encontros menores e bancas), o grupo, em suas várias modalidades, tem empreendido o trabalho de estabelecer um debate sobre as possibilidades de a moral e a moralidade serem objeto de estudo pelas ciências sociais, especialmente no Brasil. Ao longo desse período, consolidou-se toda uma nova agenda de discussões sobre como diferentes dimensões da vida social podem ser lidas sob a ótica da moralidade ou de questões

de ordem moral, no sentido amplo do termo, e de maneira dissociada de perspectivas moralistas ou normativistas, orientadas por parâmetros predefinidos sobre a moral e o dever ser. Foi na continuidade desse movimento que o grupo organizou o I Seminário Internacional Questões de Moral, Moral em Questão: Sociologia e Antropologia do Bem em Tempos Desafiadores em 2021. Pensado originalmente para reunir colegas do Brasil e de vários países no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o evento acabou por ser realizado em modalidade on-line, por conta da pandemia de Covid-19, mas isso não alijou o entusiasmo de seus participantes, que durante três dias apresentaram suas contribuições inéditas ao debate sobre moralidades.

Este livro reúne os textos produzidos exclusivamente para o evento, a maior parte deles inédita.¹ Quando concebemos o seminário, ainda em 2019, chamávamos de “tempos desafiadores” o horizonte de conflitualidade política em que nos encontrávamos. Não fazíamos, então, ideia de que os desafios envolveriam a monumental crise sanitária que enfrentamos ou o grotesco quadro de recuo civilizatório que restaria de saldo dos quatro anos da última gestão presidencial, mas a boa luta estava colocada diante de qualquer um que se ponha o desafio dos estudos sobre moral: encontrar a dimensão das moralidades em qualquer fenômeno para que se olhe, isto é, ver em qualquer ocorrência no social a dimensão dos valores em ação e reflexão. Por isso mesmo, o seminário envolvia, e este livro igualmente, contemplar tanto pesquisas voltadas para a compreensão das ideias de correção normativa e noções de justiça e outros elementos de sustentação de direcionamento do bem, como aquelas que privilegiam o estudo dos ideais do bem viver ou da “vida boa”. Interrogações analíticas em torno de como atores e coletivos diversos concreta e diariamente configuram princípios avaliativos e a compreensão de seus sentidos e efeitos

¹ A publicação deste livro foi financiada com recursos do edital Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), no âmbito do projeto coordenado por Leticia Ferreira (processo E-26/203.244/2017).

na produção da vida política e social eram de grande interesse. Assim, o painel aqui traçado busca dar conta de uma série ampla de pesquisas, privilegiando formas de ultrapassar a dicotomia entre abordagens preocupadas com o correto ou justo, de um lado, e aquelas preocupadas com o bom, de outro. O passeio envolve trafegar de questões humanitárias amplas à experiência de pessoas em situação de rua, da questão da democracia à da prática de cismar com os outros, das práticas estatais às rotinas cotidianas mais comuns, do sofrimento à alegria. Questões de moral.

* * *

A primeira seção do livro, *Discussões*, reúne duas das conferências de convidados do seminário. A primeira, “Desembaraçando a complexidade moral em sociedades rapidamente cambiantes: discursos e ações”, é apresentada por Monica Heintz, professora do Departamento de Antropologia da Université Paris Nanterre (UPN) e codiretora do Laboratoire d’Ethnologie et de Sociologie Comparative da UPN, e organizadora do citado *The Anthropology of Moralities* (2009) e autora de *The Anthropology of Morality: A Dynamic and Interactionist Approach*, que, no momento do seminário, havia acabado de ser lançado. No texto, a antropóloga romena radicada na França parte das histórias de mães em um hospital público infantil em Bucareste para mapear os principais elementos a serem mobilizados para se operar uma antropologia da moral, especialmente em contextos de profundas transformação.

Em seguida, temos a contribuição de Laurent Thévenot, *directeur d’études* da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e um dos fundadores do antigo Groupe de Sociologie Politique et Morale (GSPM), e autor, juntamente com Luc Boltanski, de *A justificação: sobre as economias da grandeza*, obra fundamental da chamada sociologia pragmática, publicado em 1991 na França, mas recém-publicado no Brasil no momento do seminário. Em seu texto, “Os passivos da humanidade comum”, Thévenot

ensaia uma ampla discussão sobre as sociedades democráticas contemporâneas a partir de uma apropriação da ideia de “descentralização”, de Jean-Paul Sartre, mostrando como a alteridade e o estranhamento “dos outros” (o inferno?) se tornaram desafios gigantescos para se pensar o comum em nosso tempo, apresentando as diferentes gramáticas por eles mapeadas em pesquisas comparativas internacionais, inclusive no Brasil (que passou a desempenhar um horizonte importante de seu trabalho).

Na seção seguinte, três capítulos oferecem contribuições preciosas sobre o lugar d'*A moral na teoria social*. Em “Direitos ético-morais e a administração de conflitos”, Luís Roberto Cardoso de Oliveira nos brinda com uma reflexão que avança os debates da sociologia e da antropologia críticas sobre a moral em pelo menos duas frentes: no plano conceitual, com uma discussão sobre o papel dos direitos ético-morais na vida coletiva, pensado a partir do nexos entre direitos, valores e elo social; e no plano etnográfico, com uma análise comparada da administração de conflitos em juizados de pequenas causas nos EUA, das demandas por reconhecimento no Québec, Canadá, e dos padrões de desigualdade no Brasil. Não obstante, o autor ainda discute um dos temas centrais de suas obras anteriores, o chamado “insulto moral”, em sua incidência em cada uma das três situações etnográficas examinadas.

Mais adiante, no capítulo “Qual é a moral da sociologia da moral? Teoria da ação, ética da virtude e moralidade moderna”, Frédéric Vandenberghe interroga-se sobre uma questão fundacional de debates teóricos, éticos e políticos em torno da moral: de que maneira a “autorrealização de cada um” pode se combinar com a “autodeterminação de todos”? Ou, nos termos exatos do autor: “o que há de bom na boa vida?” De modo tão denso quanto provocativo, Vandenberghe analisa a ética da virtude de Aristóteles, tomando-a como teoria da ação, e argumenta pela prioridade da autodeterminação sobre a autorrealização. Ele aponta, assim, para as vicissitudes da vida coletiva em sociedades pluralistas desprovidas de consenso sobre valores e para os perigos da ascensão de forças populistas que impõem a todos sua visão particularista do que seja a “boa vida” — perigos esses bastante palpáveis na atualidade.

Já “O ‘lugar comum’ da cisma: notas antropológicas sobre o advento de uma cismocracia na era Bolsonaro”, de Fábio Reis Mota e Gabriel Bayarri Toscano, avança nas proposições analíticas sobre “regime de cisma” e “razão cismática” desenvolvidas anteriormente por Mota, assim como nas discussões sobre “lugar comum” oriundas de obras de Luc Boltanski e Laurent Thévenot, para analisar o fenômeno “Bolsonaro e bolsolarismo”, como designam os autores, no Brasil. O capítulo sustenta-se em rica pesquisa de campo e nos provoca a refletir sobre a eficácia ímpar do método etnográfico para os estudos da moral e para o que os autores chamam de “desmantelamento” de aparelhos normativos.

A terceira seção, *Moral e Política*, traz três capítulos que tematizam articulações, tensões e deslocamentos entre esses dois objetos a partir de interesses e modalidades de pesquisa específicos, bem como de propósitos também específicos em termos da natureza de suas contribuições. Em “Uma sociologia pragmática da moral da política: crítica, ‘bem de todos’/‘bem comum’ e ‘comparecimento””, Alexandre Werneck apresenta uma reflexão teórico-metodológica que propõe uma sociologia da política centrada precisamente em sua dimensão moral. Trata-se de um desdobramento da já longeva contribuição do autor para a sociologia pragmatista da moral, aqui particularmente concentrada no tema da política. A unidade de análise sugerida é o que Werneck chama de “situação política”. Desvendar a fenomenologia de dadas “situações políticas” é algo passível de ser feito, como mostra o capítulo a partir de produtivas proposições conceituais e ferramentas analíticas.

Adentrando uma “situação política” recente vivida no Brasil, em “Sobre petralhas, bolsominions e isentões: a dimensão moral de conflitos políticos”, Maria Claudia Coelho também contribui com uma reflexão de natureza teórica-metodológica, desenvolvida a partir da literatura pertinente e de entrevistas realizadas com eleitores brasileiros que tiveram desavenças com amigos e/ou parentes em razão de escolhas eleitorais para o pleito de 2018. Especialmente interessada nos imbricamentos entre cognição, afeto e moral, dimensões da vida sobre as quais vem refletindo desde há muito em sua produção intelectual, a autora constrói um arcabouço

conceitual preciso para dar conta de um dos trânsitos que têm desafiado as sociedades e as ciências sociais contemporâneas: o transbordamento de divergências políticas fomentadas por processos macrosociais para o plano íntimo (mas não menos social) dos sentimentos.

Em seguida, Patrice Schuch, Calvin Furtado, Daniela Bianchi e Caroline Sarmiento, em “População de rua, a pandemia da Covid-19 e as políticas da vida e da morte”, também adentram um contexto recente, vivido não só no Brasil, mas no mundo todo de modo simultâneo: a pandemia do coronavírus. A partir de uma perspectiva etnográfica e de seu engajamento coletivo e diversificado com movimentos, mobilizações, políticas e experiências de pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre, os autores discutem a relação entre moral, tecnologias de governo e infraestruturas de vida e morte, demonstrando, com toda a vivacidade que as boas etnografias têm, como práticas e políticas de atenção voltadas a determinados segmentos diferenciam populações, materializam hierarquias e operações morais e concedem ou desfazem a legitimidade de vidas e de mortes.

Os quatro capítulos subsequentes, reunidos na seção *O Morale e Institucional*, refletem, cada um a seu modo, sobre o lugar e os possíveis enquadramentos da moral em práticas e dinâmicas institucionais, notadamente no âmbito do Estado. Lucía Eilbaum, em “De direitos, vítimas e humanos: moralidades e categorias em disputa em torno da ‘violência de Estado’”, tira proveito da enorme produtividade da pesquisa etnográfica para reflexões que intersectam as antropologias do direito, do Estado e das moralidades. Autora de outros trabalhos dedicados à compreensão das moralidades imbricadas em práticas estatais, sobretudo no âmbito de sistemas de Justiça criminal e segurança pública, Eilbaum analisa o caráter antagônico e excludente de certas moralidades, avançando sua argumentação para demonstrar o caráter contraditório de cenários em que se disputa reconhecimento de direitos e de certos indivíduos como pessoas. Isso é realizado por meio de uma reflexão etnográfica sobre a chacina do Jacarezinho, ocorrida no Rio de Janeiro, que atenta especialmente para o discurso corporativo de agentes e instituições públicas enunciado após o episódio e para disputas de sentido em torno da noção de “vítima” ali contidos.

Se Lucía Eilbaum ilumina a dimensão moral de um discurso corporativo acerca de um episódio de extrema violência, no capítulo seguinte, “Detalhes infernais: intensas e minúsculas poéticas de indignação”, Adriana Vianna realiza movimento semelhante, mas diante de falas de familiares de vítimas de violência institucional, também no Rio de Janeiro, com quem realiza pesquisa de campo já há longo tempo. A violência de Estado, na reflexão da autora, se mostra não só nos episódios extraordinários e espetaculares das chacinas, massacres e assassinatos que mobilizam familiares, mas também e especialmente no tratamento posterior dispensado a esses sujeitos por agentes estatais. De modo ao mesmo tempo pungente e delicado, Vianna nos mostra que esse tratamento, em seu caráter mais rotineiro e ordinário, consiste muitas vezes em um acumulado de “detalhes infernais”, elementos que transpõem o limite moral do intolerável e que eventualmente surgem em falas de familiares no contexto de relações longevas de interlocução em pesquisa etnográfica.

Em “Além da fiscalização: lógicas de auditoria e combate à corrupção na economia moral do Estado”, Simone Brito descortina um universo de práticas estatais ao mesmo tempo pouco conhecido em seus meandros e muito enaltecido no cenário atual: as práticas de auditoria, associadas ao valor da transparência e às cruzadas anticorrupção que têm tido lugar central na economia moral do Estado contemporâneo. A partir de um conjunto rico e consistente de entrevistas com auditores públicos das áreas de controle e gestão, a autora reflete sobre os dilemas morais e a subjetividade política desses agentes e ilumina não só as rotinas de legitimação dos valores que organizam o Estado presentes em suas falas e práticas, mas também a forma como a auditoria opera um imaginário que atualiza, no âmbito do Estado, o que a autora chama do “sonho moderno de verdade e controle”.

Em “Crise ou reparação: narrativas político-morais em torno da pensão indenizatória para crianças com Síndrome Congênita do Vírus Zika no Brasil”, Letícia Ferreira analisa a gestão do pós-epidemia de zika no Brasil, atentando-se especificamente para a pensão vitalícia destinada a crianças acometidas pela Síndrome Congênita do Vírus Zika (SCZ),

instituída no país por uma lei federal de 2020. Analisando documentos e pronunciamentos públicos de parlamentares brasileiros e de mães de crianças atingidas pela SCZ, a autora descreve as duas narrativas político-morais acionadas em arenas públicas para demandar e justificar a pensão — uma que enfatiza a “crise” e outra centrada na necessidade de “reparação”. A partir da noção de “desamparo”, Ferreira ilumina o caráter ambivalente do direito à pensão e do próprio processo de disputa por ele, protagonizado por mães que têm se reunido em coletivos e associações desde a eclosão da epidemia de zika.

Finalmente, os quatro últimos capítulos contribuem para a sociologia dos problemas públicos e os estudos antropológicos sobre sofrimento e vitimização. Em “Territorios moralizados frente a las muertes violentas: conmemoraciones, desplazamientos y disputas (Córdoba, Argentina)”, mantido aqui em espanhol, Natália Bermudez soma ainda a preocupações com esses grandes temas a questão da materialização e espacialização do luto, da memória e das lutas por justiça em contextos atravessados pela violência. Partindo do longo engajamento etnográfico de Bermudez com familiares e vizinhos de jovens vítimas de morte provocada por policiais na cidade argentina de Córdoba, o capítulo é especialmente precioso por nos provocar a incorporar a dimensão territorial e o tema das materialidades em investigações interessadas em moralidades, tão comumente restritas aos aspectos discursivos, abstratos e/ou especulativos dos fenômenos examinados.

Em seguida, em “Sentimentos morais: o papel das emoções nas formas de mobilização coletiva e constituição de problemas públicos”, Neiva Viera da Cunha reflete sobre o caso de contaminação humana e ambiental ocorrido na Cidade dos Meninos, na região metropolitana do Rio de Janeiro, após o fechamento, no ano de 1960, de uma fábrica de inseticidas que esteve em funcionamento no local por mais de uma década. A autora interroga-se sobre os modos de organização coletiva, demanda por responsabilização e reparação, e gestão de sentimentos morais por parte dos moradores afetados pelas substâncias tóxicas abandonadas na Cidade dos Meninos após o fechamento da fábrica, descrevendo seu

longo processo de luta por reconhecimento, que já atravessa décadas e acumula poucos ganhos e muitas derrotas. Trata-se de uma contribuição exemplar para o estudo dos problemas públicos a partir de uma pesquisa engajada com o passado e a história, na forma do que Vieira da Cunha chama de uma “etnografia retrospectiva”, que se debruça sobre as muitas formas de contaminação que assolaram a região e seus efeitos morais.

A noção de contaminação é central também no capítulo seguinte, mas nesse caso em relação ao vírus SARS-COV-2, causador da Covid-19. Em “La Hoguera de las Responsabilidades: imputaciones morales y tensiones sociales en dos localidades de la provincia de Buenos Aires (Argentina) durante la pandemia de Covid-19”, Gabriel Noel apresenta uma análise etnográfica perspicaz de modalidades de acusação, adjudicação e imputação de responsabilidades pela circulação do vírus no primeiro ano da pandemia de Covid-19. Detendo sua atenção sobre duas cidades argentinas localizadas na província de Buenos Aires, o autor desvela as complexas tensões subterrâneas constitutivas da morfologia social e das dinâmicas identitárias e morais vigentes naquelas localidades, antes ocultas sob uma aparente tranquilidade, mas remexidas pela eclosão da pandemia e dos processos de responsabilização por ela acionados.

Encerrando esta coletânea de modo brilhante e desafiador, o capítulo “As hierarquias da desgraça: a produção social de vítimas e os dilemas morais em torno do merecimento”, de Virginia Vecchioli, também desvela uma realidade mais tensa e complexa do que se supõe ao examiná-la à superfície: o universo das vítimas da ditadura argentina, pensado majoritariamente como espaço social homogêneo, distinto única e exclusivamente de seu par de oposição — as Forças Armadas daquele país. Descrevendo cenas públicas protagonizadas por parentes de desaparecidos políticos, a autora ilumina o quão diferenciado, desigual e mesmo excludente pode ser o lugar e o valor atribuídos a um sujeito no universo das “vítimas”. Com isso, nos leva a refletir sobre a importância de nos interrogarmos, por um lado, sobre as hierarquias morais e o espectro social do merecimento em situações de vitimização, e, por outro, sobre as formas pelas quais o sofrimento das vítimas é não só produzido e instituído em arenas públicas, como também muitas vezes negado e desacreditado.

* * *

Esperamos que este painel sirva ainda de inspiração e convite a pesquisadores para enfrentar conosco o tema dos estudos da moral e das moralidades. Trata-se de olhar para os valores dos outros e de radicalmente os levar a sério, lembrando que os compreender contribui para entender a vida social em sua carne mesma, em seus elementos mais propriamente sociais de conexão, os elementos que levam os atores a se perguntar sobre o bem. Eis uma questão de grande valor.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

ADRIANA VIANNA é professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Tem doutorado pelo PPGAS/MN/UFRJ. É bolsista de produtividade do CNPq nível 2.

ALEXANDRE WERNECK é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Tem doutorado pelo PPGSA/UFRJ. É bolsista de produtividade do CNPq nível 2 e Jovem Cientista do Nosso Estado Faperj.

CALVIN DA CAS FURTADO é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) e mestre em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da mesma universidade.

CAROLINE SILVEIRA SARMENTO é doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS).

DANIELA BIANCHI é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS).

FÁBIO REIS MOTA é professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF). É doutor pelo PPGA/UFF.

FRÉDÉRIC VANDENBERGHE é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). É Max Weber Distinguished Fellow do Max Weber Kolleg (2022-2023) na Universidade de Erfurt, na Alemanha. Tem doutorado pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. É bolsista de produtividade do CNPq nível 1D.

GABRIEL BAYARRI TOSCANO é doutorando em Sociologia e Antropologia pela Macquarie University e pela Universidade Complutense de Madri, em regime de cotutela, e é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF).

GABRIEL D. NOEL é pesquisador do Conicet e professor da Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales da Universidad Nacional de San Martin, na Argentina. Tem doutorado em Ciências Sociais pela Universidad Nacional de General Sarmiento.

LAURENT THÉVENOT é *directeur d'études* da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, e pesquisador emérito do Centre Georg Simmel da mesma instituição. É doutor em Sociologia pela EHESS.

LETÍCIA FERREIRA é professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Tem doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). É pesquisadora Jovem Cientista do Nosso Estado da Faperj.

LUCÍA EILBAUM é professora do Departamento de Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança (PPFJS/UFF) da Universidade Federal Fluminense. Tem doutorado pelo PPGA/UFF. É bolsista de produtividade do CNPq nível 2.

LUÍS ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA é professor titular livre do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Brasília, além de professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança da Universidade Federal Fluminense (PPFJS/UFF). Tem doutorado em Antropologia pela Harvard University. É bolsista de produtividade do CNPq nível 1A.

MARIA CLAUDIA COELHO é professora titular do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Tem doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). É bolsista de produtividade do CNPq nível 1D.

MONICA HEINTZ é professora da Université Paris Nanterre e membra do Laboratoire d'Ethnologie et de Sociologie Comparative da Maison de l'Archéologie et de l'Ethnologie, Nanterre. Tem doutorado em Antropologia pela University of Cambridge (Churchill College).

NATALIA BERMÚDEZ é pesquisadora do Conicet e professora do Instituto de Antropologia de Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina. Tem doutorado em Ciências Sociais pela Universidad Nacional de General Sarmiento.

NEIVA VIEIRA DA CUNHA é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de

Janeiro (PPGECC/UERJ). Tem doutorado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ).

PATRICE SCHUCH é professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Tem doutorado pelo PPGAS/UFRGS. É bolsista de produtividade do CNPq nível 2.

SIMONE MAGALHÃES BRITO é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB). Tem PhD em Sociologia pela Lancaster University. É bolsista de produtividade do CNPq nível 2.

VIRGINIA VECCHIOLI é professora do Departamento de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFSM) e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (PPGPC/UFSM) da Universidade Federal de Santa Maria. É também professora colaboradora do Doutorado em Antropologia Social da Universidade Nacional de San Martín, na Argentina. Tem doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ).



1ª edição	março 2023
impressão	eskenazi
papel miolo	pólen natural 80g/m ²
papel capa	cartão supremo 300g/m ²
tipografia	freight e amsi

desde sua dimensão política e institucional até aquela mais propriamente subjetiva, como é o caso da experiência de sofrimento. Quando aceitamos o desafio de colocar “a moral em questão”, adentramos o cerne das preocupações das ciências sociais que, desde suas origens, interrogam sobre o sentido da ação, sobre o que nos distancia e o que nos aproxima para além dos interesses e necessidades estritamente materiais.

Perseguindo um caminho diverso as ciências sociais procuram oferecer seu quinhão ao esforço de compreender perguntas cuja aparente simplicidade esconde uma complexidade que está longe de se esgotar. Este livro carrega todas essas marcas e reflete muito bem o que há de melhor neste campo em nosso país: abertura cosmopolita, respeito às diferentes matrizes teóricas e o esforço de pensar o presente com todos os seus desafios e contradições.

Raquel Weiss

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
E DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA DA UFRGS



mórula
EDITORIAL



FAPERJ

ISBN 978658131556-6

